

## O ENVELHECIMENTO E AS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL FEMININA: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Após aprovação, serão inseridos, pelo diagramador, os metadados que devem constar na plataforma da revista (inseridos no ato da submissão do texto). Não preencher os dados que seguem.

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



LETÍCIA BONFIM DE BRITO<sup>1</sup>  
ROSILEI DA ROSA VALEZI<sup>2</sup>  
ME. HELLEN LUISIE FLORENCIO GONÇALVES<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este trabalho, busca refletir sobre como o processo do envelhecimento feminino é determinado pelas relações histórico-culturais resultando em implicações na subjetividade e na saúde mental. Para isso, tem-se como objetivo compreender o processo de envelhecimento feminino como um fenômeno complexo e multifacetado a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Partiu-se da análise teórico-conceitual sobre os conceitos que engendram o envelhecimento feminino fundamentados no materialismo histórico-dialético. Deste modo, foi verificado o aumento da população idosa, principalmente do sexo feminino em relação ao público masculino. O fenômeno do envelhecimento feminino é constituído por uma gama de concepções relacionadas aos padrões de beleza das mídias sociais, a comparação com os corpos juvenis, a noção de produtividade, todas essas alçadas nas formas capitalistas da vida. Foi possível compreender que o adoecimento e o sofrimento psíquico da mulher idosa decorre das relações históricas e sociais que são intensificados no modelo econômico vigente que corrobora para o retardo do envelhecimento, pois o capitalismo produz a ideia de que o envelhecimento feminino não é algo normal e tampouco como um período do desenvolvimento humano.

<sup>1</sup> Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

<sup>2</sup> Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

<sup>3</sup> Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo. Envelhecimento feminino. Psicologia Histórico-Cultural. Sofrimento psíquico.

## AGING AND ITS IMPLICATIONS FOR WOMEN'S MENTAL HEALTH: INSIGHTS FROM PHC

### **ABSTRACT:**

This work seeks to reflect on how the process of female aging is determined by historical-cultural relations, resulting in implications for subjectivity and mental health. To this end, the objective is to understand the process of female aging as a complex and multifaceted phenomenon based on the assumptions of Psychology Historical-Cultural (PHC). The theoretical-conceptual analysis of the concepts that engender female aging, grounded in historical-dialectical materialism, was initiated. Thus, an increase in the elderly population, mainly female, in relation to the male population was verified. The phenomenon of female aging is constituted by a range of conceptions related to beauty standards in social media, comparisons with youthful bodies, and the notion of productivity, all of which are rooted in capitalist forms of life. It was possible to understand that the illness and psychological suffering of elderly women stems from historical and social relations that are intensified in the current economic model, which contributes to delaying aging, since capitalism produces the idea that female aging is not something normal, nor is it a period of human development.

**KEYWORDS:** Capitalism. Female aging. Historical-Cultural Psychology. Psychological suffering.

## EL ENVEJECIMIENTO Y SUS IMPLICACIONES PARA LA SALUD MENTAL DE LAS MUJERES: REFLEXIONES DESDE PHC

### **RESUMEN:**

Este trabajo busca reflexionar sobre cómo el proceso de envejecimiento femenino está determinado por las relaciones histórico-culturales, lo que tiene implicaciones para la subjetividad y la salud mental. Para ello, el objetivo es comprender el proceso de envejecimiento femenino como un fenómeno complejo y multifacético, basado en los

supuestos de la Psicología Histórico-Cultural (PHC). Se inició el análisis teórico-conceptual de los conceptos que generan el envejecimiento femenino, fundamentado en el materialismo histórico-dialéctico. Así, se verificó un aumento de la población anciana, principalmente femenina, en relación con la población masculina. El fenómeno del envejecimiento femenino se constituye por una serie de concepciones relacionadas con los estándares de belleza en las redes sociales, las comparaciones con cuerpos jóvenes y la noción de productividad, todo ello arraigado en los estilos de vida capitalistas. Fue posible comprender que la enfermedad y el sufrimiento psicológico de las mujeres mayores provienen de relaciones histórico-sociales que se intensifican en el modelo económico actual, el cual contribuye al aplazamiento del envejecimiento, ya que el capitalismo produce la idea de que el envejecimiento femenino no es ni normal ni un período del desarrollo humano.

**PALABRAS CLAVE:** Capitalismo. Envejecimiento femenino. Psicología histórico-cultural. Sufrimiento psicológico.

## **Introdução**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) há o aumento da população de 60 anos ou mais em todos os países do mundo. No ano de 2020 a população idosa correspondia a 1 bilhão de pessoas; em 2030 há a expectativa de que aumente para 1,4 bilhões de pessoas e em 2050 este número chegue a 2,1 bilhões de pessoas (Organização Mundial da Saúde, 2024).

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 sobre a população com 60 anos ou mais, sendo que 56% são mulheres e 44% são homens. O destaque feminino no envelhecimento aumenta na faixa etária de 80 anos ou mais em relação ao público masculino, subindo para 62% mulheres e 38% homens no mesmo censo (Brasil, 2023).

Diante do aumento da população idosa feminina (IBGE, 2022), o presente trabalho busca compreender as implicações na saúde mental desse público com base na Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

A PHC compreende o envelhecimento como um período do desenvolvimento humano que é constituído pelas condições histórico-sociais e culturais. A periodização do desenvolvimento ocorre em estágios que são caracterizados por uma atividade principal que reflete a conduta em um determinado momento da vida (Reis, Facci, 2015). Estes revelam

também uma nova dinâmica com a realidade e suas relações, que serão desenvolvidas ao longo do texto.

A partir disso, esta pesquisa nasce das experiências profissionais das autoras com diferentes interfaces sobre o envelhecimento feminino. Em conjunto a este aspecto, esta justifica-se pelo aumento da população idosa feminina, evidenciando a necessidade de reflexões engendradas pela Psicologia, especialmente sobre a saúde mental.

Para tanto, tem-se como objetivo geral a compreensão do processo de envelhecimento feminino como um fenômeno complexo e multifacetado a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Os objetivos específicos são: I) apresentar uma contextualização histórica sobre as concepções de envelhecimento humano; II) analisar o reflexo da condição socioeconômica no envelhecimento feminino; III) discutir o conceito de saúde mental e as relações com o envelhecimento e IV) introduzir reflexões sobre as implicações estéticas no envelhecimento feminino.

O artigo está organizado nos seguintes tópicos: 1) A formação do psiquismo humano na psicologia histórico-cultural; 1.1) O papel do feminismo na construção do “ser mulher”; 1.2) O papel da mulher no modo de produção capitalista; 2) Contextualização histórica do envelhecimento feminino na PHC; 3) Reflexões sobre as implicações na saúde mental no envelhecimento; 4) Reflexões sobre as implicações estéticas no envelhecimento feminino e 5) Considerações finais.

Este trabalho foi construído metodologicamente a partir da análise teórico-conceitual sobre os conceitos que engendram o envelhecimento feminino fundamentados no materialismo histórico-dialético.

## **1. A formação do psiquismo humano na Psicologia Histórico-Cultural**

A Psicologia Histórico-Cultural tem como principais fundadores Vigotski, Luria e Leontiev. Constituiu-se no contexto da Revolução Russa de 1917 e representou a busca pela construção de uma psicologia que pudesse compreender o ser humano na sua historicidade e na sua concretude (Reis; Facci, 2016).

Segundo Vigotski (1996 apud Pasqualini, 2021), a explicação do desenvolvimento psíquico não se reduz apenas na descrição de sintomas, mas é necessário compreender a lógica interna do desenvolvimento psíquico em um processo de investigação axiomática, para

compreender desde a formação das funções psicológicas superiores, tendo como objetivo ter uma compreensão científica das fases do desenvolvimento.

Em tese central da PHC postula que os determinantes do desenvolvimento psíquico residem na cultura historicamente sistematizada pelo trabalho humano. O psiquismo só pode ser compreendido como um produto social e cultural, alicerçado na metodologia dialética (Martins, 2021).

A PHC alinhada ao materialismo histórico-dialético, define que o psiquismo humano é uma unidade material e ideal, construída histórica e individualmente através da atividade. Esta construção ocorre nos modos de como o homem se relaciona com a realidade para produzir as condições de sua sobrevivência. O psiquismo, através dessa unidade (material e ideal), constitui-se como imagem subjetiva do real, isto é, como reflexo psíquico (Martins, 2021).

A criação de uma psicologia marxista foi reativa as visões filosóficas que predominavam na psicologia por Kornilov com a publicação do Manual de Psicologia e posteriormente, com os trabalhos de Vigotski e Serguei Rubinstein. Assim, o marxismo passou a ser mais compreendido e revelava a natureza, as leis gerais do psiquismo e a consciência (Leontiev, 2021).

A metodologia marxista permitiu que a psicologia histórico-cultural compreendesse a real natureza do psiquismo e da consciência humana pelo posicionamento crítico em relação às concepções biológicas, idealizantes e mecanicistas sobre os estudos psíquicos e a busca de uma psicologia como ciência concreta sobre a origem e o funcionamento do reflexo psicológico da realidade (Leontiev, 2021).

Vigotski (2021) foi um dos primeiros estudiosos a estudar a origem e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de forma abrangente na psicologia. Pois até então, as pesquisas se preocupavam em determinar a idade cronológica, como os marcos de desenvolvimento pelos behavioristas americanos e a reflexologia russa sobre as funções elementares decorrentes da maturação cerebral infantil, sem levar em consideração os padrões de comportamento desenvolvidos culturalmente.

O referencial teórico sócio-histórico-cultural compreende a relação entre sujeito e objeto no processo de construção do conhecimento, no qual o sujeito do conhecimento não é apenas passivo, regulado por forças externas que o vão moldando e nem é somente ativo, regulado por forças internas, o sujeito é interativo (Veronezi; Damasceno; Fernandes, 2005, p. 539).

Para a compreensão da origem dos comportamentos desenvolvidos culturalmente (as funções psicológicas superiores) requer o estudo das propriedades orgânicas e a origem das formas culturais estabelecidas na infância pelo uso de instrumentos e a expressão da fala humana (Martins, 2021).

Vigotski (1995 apud Martins, 2021) buscou compreender a origem e as transformações das propriedades psíquicas humanas filogenéticas com a apropriação de produtos humanos construídos culturalmente por meio do trabalho como uma atividade transformadora. Assim, “[...] a prática humana (trabalho) passou a ser compreendida como base da cognição humana, como processo em cujo desenvolvimento surgem tarefas cognitivas que engendram e desenvolvem a percepção e o pensamento humano [...]” (Leontiev, 2021, p. 44).

Quando comparados ao cérebro de um homem pré-histórico com um homem do séc. XIX não há diferença nas funções fisiológicas e nem das funções psicológicas elementares, como a reação, o movimento e a percepção. Entretanto, houve uma mudança profunda nas funções psíquicas superiores devido ao desenvolvimento histórico e cultural com a formação e aquisição de capacidades cognitivas: o pensamento verbal, a memória lógica, a atenção voluntária e a formação conceitual (Vigotski, 2021).

A formação das funções psicológicas superiores está relacionada com

[...] a cultura (que) cria formas especiais de comportamento, ela modifica a atividade das funções mentais, ela constrói novas superestruturas nos sistemas envolvidos no comportamento humano [...]. No processo de desenvolvimento histórico, o homem social muda os métodos e os instrumentos de seu comportamento, transforma os instintos e as funções naturais, desenvolve e cria novas formas de comportamento - especificamente culturais (Vigotski, 2021, p. 35).

O psiquismo do bebê é formado pelas funções psicológicas elementares que são semelhantes aos outros animais e herdados filogeneticamente relacionados aos mecanismos de sobrevivência. O processo de humanização ocorre pela apropriação de comportamentos complexos formados na cultura pelas relações interpessoais com o meio sócio-cultural que estimulam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Martins, 2021).

Desta forma,

[...] o processo de aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-social. Os processos de internalização, por sua vez, interpõe-se entre os planos das relações interpessoais (intersíquicas) e das relações intrapessoais (intrapíquicas), o que significa dizer: instituem-se baseados no universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo por meio da mediação de outros indivíduos [...] (Martins, 2021, p. 29).

Conforme Martins (2021) há a compreensão de que a diferenciação do humano em relação aos outros animais está relacionado com a atividade na natureza, que transforma o meio externo e também a si mesmo, por meio do desenvolvimento de funções psicológicas superiores que transformam o comportamento humano de forma consciente, voluntária e intencional.

A atividade humana é uma manifestação em atos pela qual o homem se firma na realidade objetiva ao mesmo tempo em que a transforma em realidade subjetiva, os processos psíquicos incluem conexões para além do mundo interno da consciência. A vivência psíquica é produzida pela relação com o mundo objetivo externo e só se institui com base nessa relação. Por essa razão, atividade e consciência são na teoria histórico-cultural as categorias centrais no estudo do psiquismo (Martins, 2021).

Vygotsky (1997 apud Martins, 2021) buscou afirmar a natureza social do psiquismo humano, distinguindo-o do psiquismo animal pela identificação de novas formas de funcionamento mental, construídas por saltos qualitativos exigidos pela atividade consciente e intencional, sendo atributos fundantes da psique humana e centrais para o domínio sobre a natureza. O salto qualitativo no desenvolvimento humano, permitiu ao homem não depender apenas da adaptação natural. O trabalho promoveu a unidade funcional entre mãos, cérebro e linguagem, resultando no aprimoramento do córtex cerebral e estabelecendo uma relação com a existência marcada pela mediação da consciência (Martins, 2021).

A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada por sistemas simbólicos, isto é, elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Essa concepção liga o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive (Veronezi; Damasceno; Fernandes, 2005). Segundo Vieira e Franco (2025), a atividade de mediação entre o homem e a natureza ocorre pelos signos que possibilitam que a realidade objetiva coexista com a realidade subjetiva. O signo é “[...] produto da atividade mental humana, mobilizado para solucionar problemas, produzir conhecimentos, portanto, são síntese de raciocínios complexos” (p. 26).

A função dos signos, como mediador da consciência, contribui no desenvolvimento de instrumentos psicológicos, por possibilitar a realização de determinadas atividades mentais como recordar, planejar e imaginar em diversas situações. Sendo assim, “[...] os processos mentais superiores que caracterizam o pensamento humano, como ações conscientes, atenção

voluntária, pensamento abstrato, memória lógica, formação de conceito, são processos mediados por signos” (Vieira Franco, 2025, p. 28).

O desenvolvimento do psiquismo, em sua idealidade (como ideia), não significa ignorar ou opor-se à materialidade do objeto, pelo contrário, trata-se de situar essa imagem no contexto da atividade material que a gera. O psiquismo, portanto, manifesta-se como uma imagem subjetiva do mundo objetivo, ou seja, como um reflexo psíquico da realidade que serve para orientar o homem na realidade concreta. Essa imagem não é um espelhamento mecânico, mas sim o produto da internalização da cultura e das relações histórico-sociais, consolidadas pela vida coletiva, prática social e processos educativos (Martins, 2021). Nesse sentido, para Leontiev (1978a apud Martins, 2021) o psiquismo existe em uma forma dupla. A primeira manifesta-se na atividade em sua forma primária e objetiva de sua existência. A segunda forma é subjetiva, manifestando-se na construção da ideia, da imagem, enfim, como consciência.

A consciência é a manifestação do psiquismo e se desenvolve através da complexificação evolutiva do sistema nervoso central, sendo decisivamente constituída pelo trabalho e pela linguagem (Martins, 2021). As funções psicológicas superiores não estão fixadas na anatomia cerebral, mas representam sistemas funcionais dinâmicos e mutáveis constituídos historicamente nas relações sociais do sujeito (Veronezi; Damasceno; Fernandes, 2005).

Lane (1989), ao tratar da constituição da identidade individual, ressalta a necessidade do homem relacionar-se com os seus pares socialmente em prol do seu desenvolvimento psíquico e da formação da identidade. Por isso, a linguagem é um produto histórico e condição básica para a comunicação e inserção social, por expressar ideias, sentimentos e sentidos num determinado grupo. À vista do exposto, compreende-se que a constituição do psiquismo e da identidade está alicerçada nas especificidades ao grupo que o indivíduo pertence, neste trabalho, interessa-nos as implicações do feminino nessa relação.

### **1.1 O papel do feminismo na construção do “ser mulher”**

O modelo de subjetividade e de corpo é construído historicamente e culturalmente. Assim, a compreensão de suas características regem cada um de seus membros, o que envolve seu modo de se expressar, de se comportar e seu estilo de vida. A cultura transforma os indivíduos, criando modos de existir de acordo com os valores e as crenças da época. Embora

a mulher, na atualidade, vivencie melhor seu presente e almeja seu futuro, sem precisar do consentimento, da opinião ou da permissão de um homem para pôr em prática seu projeto de vida, ainda há uma parcela de mulheres que estão subordinadas às imposições patriarcais (Boris; Cesídio, 2007).

A sociedade perpetua, há séculos, estereótipos polarizados sobre a dicotomia feminina: de um lado, a figura amorosa, amável, sonhadora de amor romântico e família; do outro a amarga, vilã e "louca", que foge desse molde. O significado de ser mulher na sociedade contemporânea, reconhecendo sua subjetividade, não possui uma resposta de consenso geral, é uma reflexão em aberto (Rosa; Mori, 2024).

No que tange os aspectos do desenvolvimento, com relação a esse contexto de transformações, o feminismo, movimento que defendia a igualdade de direitos e de "status" entre homens e mulheres, ganhou ainda mais força nos séculos XIX e XX, pois o século XVII fora marcado pela desigualdade dos direitos do homem e da mulher. O movimento feminista encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da vida familiar, social, jurídica, política, econômica, educacional (Boris; Cesídio, 2007).

Apesar do parcial reconhecimento social, na atualidade, de que as lutas feministas afetaram positivamente a maneira pela qual se deu a incorporação das mulheres no mundo do trabalho, o exercício da vida para além dos limitantes sociais, permanece como um aspecto desafiador nas vivências das mulheres.

A partir da constituição de um novo olhar e nesse sentido, é um processo de feminização sócio-histórico, tornado mais feminino e feminista, libertário e solidário em outras palavras, filógino<sup>4</sup> (promover igualdade de gênero) ao contrário do misógino, isto é (comportamento social que estrutura a desvalorização feminina, perpetuando o machismo), que resulta decisivamente do aporte social e cultural das mulheres no mundo público (Rago, 2004).

A mulher passou por uma série de lutas, transformações e conquistas pela sua libertação pessoal e profissional, o significado do seu corpo e da subjetividade feminina também acompanhou o processo de transformações sociais e históricas ocorridas na cultura ocidental (Boris; Cesídio, 2007).

---

<sup>4</sup> A palavra filógino é um adjetivo que caracteriza uma pessoa que tem uma grande consideração ou estima por mulheres. Fonte: <<https://www.dicio.com.br/filogino/>>.

Portanto, o feminismo trouxe esperança, juntamente com novas imagens do pensamento, ao revelar que o mundo poderia ser outro, isto é, feminino e filógeno, e que as mulheres não são sistemas reprodutivos passivos (Rago, 2004).

O feminismo possibilitou às mulheres autonomia nas escolhas pessoais e profissionais, direitos sociais e a liberdade em satisfação sexual como prazer e não somente a reprodução (Rago, 2004). No entanto, sabe-se que as mulheres permanecem na busca pelos seus direitos, pois, independente das conquistas já alcançadas, estas encontram-se frequentemente ameaçadas pela lógica de produção e reprodução da vida no capital.

## **1.2 O papel da mulher no modo de produção capitalista**

A mulher na sociedade capitalista, compreendendo seu papel como produto de mediações sócio-históricas que estruturam a psique e o comportamento individual por meio das relações sociais e das determinações econômicas do capitalismo (Barreto, Jesus; 2022).

Considerando que o pensamento sobre a questão da mulher constitui uma preocupação constante na contemporaneidade, busca-se contribuir para a compreensão das transformações vivenciadas por mulheres de diferentes classes sociais, revelando como os instrumentos culturais e as interações moldam sua subjetividade em contextos de opressão e resistência (Barreto, Jesus; 2022).

Na sociedade capitalista, a mulher é impulsionada a se adaptar à dinâmica desse modo de produção, que exige sua participação ativa na vida econômica ou seja, sua inserção no mercado de trabalho. Essa nova realidade levou as mulheres, que antes permaneciam em seus lares cumprindo diversas funções domésticas, a oferecerem sua mão de obra para sustentar a lógica do capital (Barreto, Jesus; 2022).

Nesse contexto, a mulher se vê forçada a se adaptar a uma nova condição, passando por profundas transformações sociais, econômicas e, sobretudo, psicológicas ela precisa partir daí para reavaliar sua posição como mulher e conseqüentemente, seus valores herdados da família, que até então regiam seu comportamento e determinavam suas ações nessa sociedade. Ser mulher hoje no mundo capitalista é desafiador, mas ser idosa é muito mais complexo, o etarismo é um preconceito enfrentado por maioria dessa população que vive os 60 anos ou mais. (Barreto, Jesus; 2022).

Etarismo ou idadismo, numa apertada síntese introdutória, é a discriminação contra pessoas, baseada na idade, a partir de abordagens e atitudes preconceituosas, diretas ou

indiretas, que culminam em exclusão, constrangimento ou até em danos morais e materiais (Menezes, Farias; 2024).

Se a princípio o termo etarismo só era usado para as hipóteses de envelhecimento, hoje o entendimento epistemológico do termo aponta para qualquer tipo de discriminação por idade, apesar de os casos dessa violência no meio ambiente de trabalho serem mais constantes, ou pelo menos mais denunciados, em relação aos “envelhecetes” (Menezes; Farias, 2024).

## **2. Contextualização histórica do envelhecimento feminino na psicologia histórico-cultural**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2025) há um crescimento mundial da população idosa, passando de 1 bilhão em 2020 para 1,4 bilhão em 2030. O aumento da população reflete em como “os homens transformaram a natureza e, com isso, transformaram-se, criaram condições para viver mais tempo” (Reis; Facci, 2015, p. 102).

A Psicologia Histórico-Cultural compreende o envelhecimento como um período do desenvolvimento humano que é constituído pelas condições históricas, sociais e culturais. A periodização do desenvolvimento ocorre em estágios que são caracterizados por uma atividade principal que reflete a sua conduta em um determinado momento da vida (Reis; Facci, 2015).

Historicamente, a compreensão sobre o envelhecimento transformou-se. Na Idade Antiga (4.000 a. C. a 476 d.C.) o envelhecimento estava relacionado com a sabedoria e a ocupação de cargos políticos. Na Grécia Antiga, a expectativa de vida para os homens era de 45 anos de idade e para as mulheres era de 36 anos. A mortalidade feminina era precoce devido às complicações nas gestações e não havia conhecimento sobre métodos anticoncepcionais e contraceptivos (Timo-Iaria, 2003). Assim, a mulher desempenhava o papel reprodutivo-materno e os homens, que tinham melhores condições econômicas, participavam das atividades políticas.

A Idade Média iniciou-se com a queda do Império Romano em 476 d.C. e com a influência do cristianismo, a velhice foi perdendo o prestígio que lhe foi conferido na Idade Antiga, sendo relacionado com o definhamento e caduquice aos 40 anos de idade. Os idosos eram afastados da vida pública, por não conseguirem trabalhar nas lavouras dos feudos (Mascaro, 2004 apud Reis, Facci, 2016). Neste período, as mulheres idosas que

desempenhavam o papel de curandeiras nas aldeias pelo manejo de ervas, foram consideradas pela igreja como práticas demoníacas e eram chamadas de bruxas sendo condenadas à morte pela Inquisição (Pires, 2015).

No Renascimento (século XIV-XVI), com a valorização da beleza juvenil retratada nas obras de artes, como a escultura de David de Michelangelo (1475-1564) e pinturas que valorizavam o corpo juvenil feminino como o Nascimento de Vênus de Sandro Botticelli (1445-1510). Os corpos marcados pelo envelhecimento eram associados à feiura e muitos tentavam rejuvenescer a aparência pelo uso de remédios e ervas (Souza, 2023).

Na Idade Moderna (século XVI-XVIII) com as práticas de higiene houve redução da mortalidade de pessoas idosas e com a Revolução Industrial os que não conseguiam trabalhar eram cuidados pelos familiares ou internados nos asilos (Mascaro, 2004 apud Reis, Facci, 2016).

A compreensão demarcada das diferenças dos períodos do desenvolvimento humano iniciou-se no século XIX, com a modernização das sociedades ocidentais em decorrência dos saberes médicos que buscavam conhecimento a respeito do envelhecimento e a institucionalização dos aposentados (Benetti, Fagundes, Zanella; 2011).

Para Katz (1995, 1996 apud Silva, 2008) o período da velhice é resultado do discurso médico sobre o corpo que está passando pelo processo de envelhecimento, tendo como referência a autópsia dos corpos de idosos para explicar a degeneração dos tecidos humanos. Segundo o CFP (2025) os idosos e as idosas que não tinham condições físicas para trabalhar passaram a ser um fardo para a família e para o Estado.

Na Europa do século XIX, os trabalhadores que não conseguiam desempenhar suas funções por conta da velhice passaram a receber um auxílio de aposentadoria para sobrevivência.

Com o desenvolvimento das ciências médicas na área da geriatria e a promoção de políticas públicas como o Estatuto da Pessoa Idosa no Brasil (2003) foi conferido direitos em prol de uma vida mais digna e com prioridade no atendimento a saúde, a moradia e ao transporte (Mascaro, 2004 apud Reis, Facci, 2016).

Além disso, a Constituição Cidadã de 1988 e o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) também conferem ao idoso ser visto como cidadão ativo na sociedade, sujeito transformador, fruto das transformações sociais e tem o poder de reivindicar por direitos civis, sociais e políticos.

De modo geral, Silva (2008) destaca que ao atingir o período da velhice há uma série de mudanças de hábitos em virtude das alterações biológicas e das transformações relacionadas ao trabalho. No entanto, no século XXI, o envelhecimento não é unicamente um período do descanso, isto é, muitas vezes, vivenciado como continuidade na atividade laboral, bem como, com o engajamento em novas relações amorosas. Desta forma, “na contemporaneidade, a idade do homem não é mais compreendida como limitante de vida, em virtude da tecnologia que proporciona a longevidade” (Reis, Facci; 2016, p. 297).

O desenvolvimento humano está internamente ligado a processos históricos, sociais e culturais, o que significa que aspectos relevantes para uma geração podem não ser para a próxima, a evolução do desenvolvimento humano se dá pela emergência de novas atividades que se tornam dominantes em cada período (Reis, Facci, 2016).

A sabedoria e a experiência adquirida são importantes, mas em uma sociedade que valoriza a produção econômica, não são suficientes para que a pessoa idosa se sinta valorizado. Ele precisa demonstrar capacidade de produzir e dar lucro (Reis; Facci, 2016).

Envelhecer no sistema capitalista remete a ideia de

[...] deixar de produzir e consumir bens, ou seja, não produzir significa deixar de ser visto como sujeito. Significa mudar o seu status. Então, encontram-se dificuldades, tanto do velho que se vê mergulhado em estigmas e preconceitos, como em crise com a própria história e identidade. Quanto à sociedade que ora o enxerga como fardo a ser carregado pelos que estão em idade produtiva, ora reconhece que a aposentadoria é o tempo de encerrar uma carreira e que agora o velho poderia usufruir o seu tempo, fazendo o que bem entende (Gonzaga, Vieira; 2019, p. 237) .

Muitos idosos aposentados reingressam ao mercado de trabalho por dificuldades financeiras devido ao baixo valor das aposentadorias, o trabalho continua sendo uma necessidade para a sobrevivência. Além disso, os valores ideológicos capitalistas atribuem à velhice o retorno ao mercado de trabalho com o discurso de se sentirem produtivos e contribuidores para a sociedade. Assim, o idoso mesmo com as limitações físicas ainda é visto como um produtor capaz de servir ao sistema econômico (Reis; Facci, 2016).

A Constituição Cidadã de 1988 no art. 201 preconiza que a idade mínima para se aposentar das atividades urbanas para mulheres seja de 62 anos e para os homens corresponde a 65 anos e 180 meses de contribuição para ambos os sexos. No âmbito rural, a idade mínima para a aposentadoria é de 55 anos e para os homens é de 60 anos e 180 meses de contribuição na atividade agrícola familiar (Brasil, 1988). A diferença de contribuição entre os gêneros remete ao princípio de justiça decorrente da desigualdade de gênero em relação à inserção de

homens e mulheres no mercado de trabalho e de outras atividades realizadas na esfera social pelo público feminino como a maternidade e os afazeres domésticos (Mostafa, 2017).

A opção pelo lazer durante a aposentadoria depende de um preparo financeiro que é privilégio de poucos na sociedade, muitas vezes, a aposentadoria precoce resulta em empobrecimento, pois, os reajustes dos valores recebidos não permitem manter o padrão de consumo anterior, apesar de ser um direito conquistado pela classe trabalhadora (Reis; Facci, 2016). Dentre as condições que impedem o usufruto da aposentadoria para o bem-estar durante a velhice é a falta de casa própria, a responsabilidade de cuidar dos netos e o valor recebido na aposentadoria é insuficiente para cobrir os gastos com medicações e subsistência da família, tendo como alternativa o retorno para o mercado de trabalho, o recolhimento de resíduos a serem vendidos para reciclagem e/ou serem assistidas pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) (Silva, 2024).

### **3. Reflexões sobre as implicações na saúde mental no envelhecimento**

Segundo a Organização Mundial de Saúde, (OMS), (2025), define saúde mental como “um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidar com os momentos estressantes da vida, desenvolver todas as suas habilidades, aprender e trabalhar bem e contribuir para a melhoria de sua comunidade”. Para a OMS, (2025), a saúde mental é parte do que sustenta as capacidades individuais e coletivas das pessoas para tomar decisões, estabelecer relações e moldar o mundo. Em suma, “a saúde mental é um direito humano fundamental. É um elemento essencial para o desenvolvimento pessoal, comunitário e socioeconômico”, afirma a organização. As condições que alteram a saúde mental incluem transtornos e deficiências psicossociais, bem como outros estados mentais associados a um alto grau de sofrimento, incapacidade funcional ou risco de comportamento autolesivo, completa a OMS.

O envelhecimento é bastante discutido atualmente como um processo de alterações físicas, cognitivas e mentais. Merece especial atenção visto que temos uma crescente população idosa mundial. Segundo dados da OPAS (Organização PanAmericana de Saúde, 2020), em 2050, a população acima de 60 anos praticamente dobraram, passando de 12% para 22% e será mais presente nos países de baixa e média renda.

A velhice saudável e bem-sucedida pode ser entendida como um idoso com autonomia, ativo, lúcido, social, independente e sem agravos a sua saúde física e mental. O envelhecimento ativo é composto por indivíduos ou grupos populacionais, no qual as pessoas

mais velhas entendem o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo da vida, tendo participação ativa nas questões econômicas, culturais, espirituais e cidadania, sendo permitida, desta forma, sua inserção na sociedade, combatendo a discriminação e a exclusão a eles associada (Filippin, Castro; 2021).

Para que o idoso consiga vivenciar uma velhice saudável e ativa, necessita ter uma boa condição física, social e mental. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde mental pode ser considerada uma condição de bem-estar na qual o sujeito consegue, ser ativo, produtivo, cooperar com a comunidade e lidar com as situações positivas e negativas da vida.

Poucos estudos referem a saúde mental dos idosos sem abordarem doenças mentais e transtornos mentais mais comuns, como depressão, ansiedade, insônia ou esquecimento, os transtornos psíquicos são mais comuns com o avançar da idade, em idosas mulheres e normalmente estão relacionados a insatisfação com a vida (Filippin, Castro; 2021).

No que diz respeito às alterações psicossociais e emocionais que se apresentam na velhice, de acordo com Oliveira et al (2018), destacam-se a diminuição da autoestima, do bem estar subjetivo, aumento do estresse percebido e elevação da ansiedade, que podem culminar na satisfação com a vida.

A autoestima pode ser definida como o autoconceito e consiste no conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo. Pode ter duas orientações, positiva ou auto-aprovação; negativa ou depreciação, nas quais o indivíduo volta-se a si mesmo baseando-se nesse olhar (Filippin, Castro; 2021).

A autoestima costuma ter linearidade ao longo da vida, em diferentes contextos da vida adulta de uma pessoa. Os estudos mostram que a autoestima está intimamente associada à saúde mental, um bom nível de autoestima está relacionado ao bom humor e sentimentos positivos assim como a baixa autoestima associa-se a aspectos ditos negativos como mau humor, auto percepção de incapacidade, depressão e ansiedade fazem com a vida (Filippin, Castro; 2021).

Assim como o estresse e a autoestima, a ansiedade é um sintoma que afeta o bem estar dos idosos e é um fator que está relacionado a outras doenças na população idosa. Segundo Oliveira et al (2018) os sintomas de ansiedade estão associados a várias limitações diárias na vida dos idosos e também estão relacionados com demais comorbidades como transtorno depressivo maior.

Pelo tema envelhecimento ser relativamente novo mundialmente e no Brasil ainda mais, pois até recentemente éramos um país de jovens, temos poucas pesquisas que demonstrem as condições emocionais e psicológicas que envolvem a saúde mental dos idosos ativos e lúcidos brasileiros (Filippin, Castro; 2021).

#### **4. Reflexões sobre as implicações estéticas no envelhecimento feminino**

Segundo Silva (2008) a criação da expressão “terceira idade” em 1980 na Europa vem promovendo novos signos associados à velhice. Até então, o período do envelhecimento tinha como prerrogativa descansar e receber a aposentadoria até morrer. Entretanto, com a mudança de paradigma, a terceira idade vem promovendo a idéia de aproveitar o último período da vida com atividades que promovam o bem-estar como participar de grupos de convivência, praticar exercícios físicos, esportes, alimentação balanceada, realizar viagens e até engajar relacionamentos amorosos.

Percebe-se que as relações propostas na terceira idade como citado por Silva (2008) vem de encontro com a concepção de velhice proposta pela Organização Mundial de Saúde (2023) que incentiva práticas para um envelhecimento saudável e ativo num período marcado pelas relações capitalistas mercadológicas e a influência das mídias sociais em retardar o envelhecimento.

As implicações estéticas do envelhecimento tem mais impacto no público feminino por apresentar maior expectativa de vida em relação aos homens. Além disso, o envelhecimento feminino é diferente em relação aos masculino pelas determinações oriundas ao gênero, redução de acesso à recursos e oportunidades, sobrecarga de atividades domésticas, redução de atividade sexual como tabu social e definhamento estético (Mallmann, 2024).

Ao longo da vida, as mulheres desempenham uma série de atividades que conciliam o emprego, a educação dos filhos, os afazeres domésticos, muitas vezes ainda cuidam dos pais debilitados tendo maior probabilidade de sofrimento mental e desgaste físico também em relação aos homens (Organização Mundial da Saúde, 2001 apud Cunha, Veras, Amorim; 2025).

O grupo feminino além de ser o maior grupo de idosos também está mais vulnerável ao retardo do envelhecimento, principalmente em relação ao corpo e ao rosto (Montefusco, 2013). A preocupação das mulheres em relação ao envelhecimento se dá pelas alterações com

a pele, branqueamento e queda de cabelo, declínio da saúde, limitações fisiológicas e estigmas de incapacidade se tornam desafiantes para a idosa (Jorge, 2005 apud. Fin et al., 2015).

Assim, há a cobrança social de que “o corpo feminino não pode envelhecer, sabe-se que a mulher é cobrada por toda a sociedade em ter que manter esse padrão de beleza, mesmo se não fizer parte dos seus ideais [...]” (Cunha, Veras, Amorim; 2025, p. 2). Montefusco (2013) destaca que o mercado atua neste contexto com o engajamento de vender produtos e serviços de antienvelhecimento vinculado com a ideia de felicidade por meio de “sacrifícios [...] em nome de um futuro que prima pelo “envelhecimento saudável”, pelo incremento da longevidade e pela evitação das marcas do tempo sobre o corpo” (p. 8).

Há um movimento de adiar a velhice e alternativas para manter um corpo jovem por mais tempo por estar atrelado a vitalidade e beleza atrelado a produção midiática nas redes sociais, *outdoors*, revistas, canais de televisão e rádio. Tais alternativas são a comercialização de produtos de beleza para retardar os sinais de envelhecimento na pele como rugas e flacidez muscular (Montefusco, 2013).

Segundo McLaren & Kuh (2004 apud Fin, 2015) o envelhecimento perante os estigmas de incapacidade, improdutividade e decadência da aparência física pode provocar na mulher baixo autoestima em relação aos padrões de beleza de um corpo juvenil, perdas e afastamentos sociais, transtornos alimentares, depressão, isolamento social e estresse devido “[...] às exigências sociais ao longo da história (que) impelem as mulheres à responsabilidade pela sua aparência. Se nos séculos passados era uma preocupação, hoje é um dever” (Fin et al., 2015, p. 136).

Diante desta realidade e os anseios para retardar o envelhecimento feminino é necessário que haja espaços para que os sujeitos se reconheçam como idosos, redescobrir nesta fase de ociosidade agregando atividades que lhe proporcionará bem-estar, rompendo com a lógica consumista e produtiva deliberada pela sociedade capitalista (Oliveira et al, 2025).

## **5. Considerações finais**

Em síntese, a pesquisa partiu das experiências profissionais das autoras em um espaço de acolhimento de mulheres idosas. Teve como objetivo compreender o processo de envelhecimento feminino e suas implicações na saúde mental a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) em decorrência do aumento do envelhecimento da

população, principalmente do sexo feminino. Em 2020, o público mundial de idosos correspondia a 1 bilhão de pessoas e a expectativa é que os índices atingirão até 2,1 bilhões em 2050 (Organização Mundial de Saúde, 2024) principalmente, em relação ao público feminino que corresponde ao maior percentual comparado ao público masculino (Brasil, 2023).

Com a abordagem da PHC, possibilitou-se entender que a velhice é um período do desenvolvimento humano que é constituído pelas condições históricas, sociais e culturais (Reis, Facci; 2015). Tal denominação, é uma construção social e por mais que a sociedade tenha evoluído a esse respeito, ainda é permeada por visões preconceituosas sobre o que é ser idoso (Faria, 2020).

Ao decorrer da pesquisa, foi possível compreender a formação da subjetividade feminina na sociedade capitalista, determinada para a realização da atividade doméstica e reprodutiva. O movimento do feminismo provocou reflexões sobre a autonomia feminina e o direito de ocupar espaços que transcendem as atividades domésticas (Boris, Cesídio; 2007).

Com o resgate da história do envelhecimento, compreende o impacto na subjetividade feminina, em decorrência das ideias pejorativas de exclusão, isolamento social e julgamentos em relação ao envelhecimento do corpo feminino pela redução das capacidades físicas, cognitivas e sociais. Acometem sofrimento e adoecimento psíquico intensificadas com o capitalismo nas relações de produção e exposição nas redes sociais por conta de comparações com corpos juvenis, cujas mulheres que detém de poder aquisitivo considerável encontram formas de retardar o envelhecimento com o uso de produtos e procedimentos estéticos (Fin et al., 2015).

Diante desta realidade e os anseios para retardar o envelhecimento feminino é necessário que haja espaços para que o sujeito se reconheça como pessoa idosa, redescobrir-se nesta fase de ociosidade agregando atividades que lhe proporcionará bem-estar, rompendo com a lógica consumista e produtiva deliberada pela sociedade capitalista (Oliveira et al, 2025).

As dificuldades encontradas na realização da pesquisa foram a escassez de material na abordagem da PHC sobre o envelhecimento feminino, sobretudo, a imagem da mulher idosa na história da humanidade. Torna-se necessário a realização de pesquisas sobre o envelhecimento feminino para ampliar a compreensão dos profissionais da saúde sobre as possibilidades de intervenção com esta população. Visto que, ainda permanece a lógica

biomédica e reducionista até em profissionais da psicologia. Novos caminhos podem ser percorridos, a partir dessa pesquisa, é um campo de estudo que tem possibilidades de acrescentar na Psicologia da PHC sobre as mulheres no seu processo de envelhecimento e saúde mental.

Por fim, conclui-se que esta pesquisa trouxe reflexões importantes sobre o envelhecimento, principalmente em relação ao público feminino que ao longo da história ocupou-se um lugar secundário em relação aos homens. Além disso, é um campo de estudo que necessita de pesquisas para compreender o indivíduo em sua totalidade em seu processo de envelhecimento.

## Referências

BARRETO, Dayani Fernanda Queiroz, MARIA Eliane Maria. **A mulher na sociedade capitalista**. Revista Espaço Livre, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 18–24, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/626>. Acesso em: 10 abr. 2026.

BENETTI, Idonézia Collodel; FAGUNDES, Mateus Miranda; ZANELLA, Michele. **Construção sócio histórica do idoso cidadão**. Revista on-line de divulgação científica da UNIDAVI, p. 213-228, 2011. Disponível em: <http://wpcaminhos.s3.amazonaws.com.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/08/Artigo12.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2026.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; DE HOLANDA CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 abr. 2026.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Institui o Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília, 01 de outubro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 15 out. 2025.

BRASIL. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. Nota informativa n. 5/2023 (Envelhecimento e o direito ao cuidado). Disponível em: [https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota\\_Informativa\\_N\\_5.pdf](https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf). Acesso em: 13 set. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) junto às pessoas idosas nas políticas públicas.** – 1.ed. – Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2025. Disponível em: <[https://crepop.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/34/2025/11/RT\\_Políticas\\_Publicas\\_Pessoas\\_Idosas\\_web.pdf](https://crepop.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/34/2025/11/RT_Políticas_Publicas_Pessoas_Idosas_web.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2026.

CUNHA, Linda Cândida da; VERAS, Paulo Roberto Miranda; AMORIM, Marcelo Vinicius Costa. **O sofrimento psíquico feminino no processo de trabalho e do envelhecimento.** LUMEN ET VIRTUS, v. 16, n. 44, p. 2-17, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/2678/3111>>. Acesso em: 01 nov. 2025.

FARIA, Fabiano Higor Martins de. **Idoso e mercado de trabalho: Um balanço das políticas públicas no Brasil.** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2020. Disponível em: <<https://pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/fabiano-higor-martins-de-faria.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2026.

FILIPPIN, L. I. CASTRO, L. D. **A percepção do envelhecimento e seu impacto na saúde mental dos idosos.** Brazilian Journal of Developmente, Curitiba, v. 7, n. 8, p. 78430-78439, ago. 2021.

FIN, Thais Caroline et al. **Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos.** Revista Kairós-Gerontologia, v. 18, n. 4, p. 133-149, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27683>>. Acesso em: 30 out. 2025.

GONZAGA, Dieurien Soares; VIEIRA, Rosana Figueiredo. O ENVELHECER PÓS-MODERNO À LUZ DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 8, p. 236-249, 2019.

LANE, S. T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderlei. (Org.) *Psicologia social: o homem em movimento*. 8 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989. p. 32-39.

LEONTIEV, Aleksei Nikoláievitch. **Atividade, Consciência, Personalidade.** Tradução de Priscila Marques. Bauru: Mireveja, 2021.

LOPES, M. J., Araújo, J.L. de & Nascimento, E.G.C.do (2016), abril-junho). **O envelhecimento e qualidade de vida: a influência das experiências individuais.** Revista Kairós Gerontologia, 19 (2), pp.181-199. ISSN e 217-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

NERI, A.L.(2008). **Qualidade madura no atendimento domiciliário.** In: Duarte, Y.A.O., & Diogo, M.J.D.(Orgs). *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico*, 33-47. São Paulo, SP: Atheneu.

MALLMANN, P. B. et al. **Envelhe (ser): Reflexões sobre o processo de envelhecimento feminino e suas implicações sobre o corpo.** REVISTA FOCO, [S. l.], v. 17, n. 11, p. e6906,

2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n11-143. Disponível em:  
<<https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6906>>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARTINS, Lígia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia e educação. **FRANCO, Adriana de Fátima, TULESKI, Silvana Calvo, MENDONÇA, Fernando Wolff. Ser ou não ser na sociedade capitalista: o materialismo histórico-dialético como método da psicologia histórico-cultural e da teoria da determinação social dos processos de saúde e doença.** Goiânia, Go: Phillos, 2020.

MARTINS, Lígia Márcia. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. In: MARTINS, Lígia Marcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice.** Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2021. p. 28-51.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar.** Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2021.

MONTEFUSCO, Erica Vila Real. **A negação do envelhecimento e a manutenção da juventude veiculados em revistas femininas: um estudo de psicologia social.** 2013. 125f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6858/1/2013-DIS-EVRMONTEFUSCO.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2025.

MOSTAFA, Joana et al. **Previdência e gênero: por que as idades de aposentadoria de homens e mulheres devem ser diferentes?.** 2017. Disponível em:  
<<https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/7802f3d2-afdb-40e7-8ee6-d0eda036a326>>. Acesso em: 10 abr. 2026.

OLIVEIRA et al., **Envelhecimento, saúde mental e suicídio.** Revisão integrativa. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2018; 21(4): 503-515.

OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de et al. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento.** 2023.

Disponível em:

<<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4930/2/M%c3%a1rcia%20Mendes%20Marquez%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agências das Nações Unidas lançam primeiro relatório sobre a Década do Envelhecimento Saudável, 2021-2023.** 22 de Novembro de 2023. Disponível em:

<<https://www.who.int/news/item/22-11-2023-united-nations-agencies-launch-first-report-on-the-decade-of-healthy-ageing--2021-2030>>. Acesso em: 13 set. de 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento e Saúde.** 01 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>>. Acesso em: 11 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento e Saúde**. 01 de outubro de 2025. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>>. Acesso em: 27 mar. 2026.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In: MARTINS, Lígia Marcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2021, s/p.

PIRES, João Davi Avelar. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 2, p. 14-23, 2015.

RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. **Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres**, 2004.

REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A velhice sob o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Editora Autores Associados, 2016, p. 293-315.

REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da velhice. 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23237/1/2015\\_art\\_cwreismgdfacci.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23237/1/2015_art_cwreismgdfacci.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2026.

ROSA, Lais Faber de Almeida; Laís; MORI, Valéria Deusdará. **Reflexões sobre a relação entre: As mulheres, a subjetividade social e o tornar-se sujeito**. *Psicólogo Informação, [S. l.]*, v. 26, n. 26, p. 83–108, 2024. Disponível em: <<https://revistas.metodista.br/index.php/psicologoinformacao/article/view/1087>>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, Ana Caroline. **A velhice da mulher da classe trabalhadora: relações sociais de sexo, raça e patriarcado no capitalismo contemporâneo**. 2024. 94 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024. Disponível em: <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/6542>>. Acesso em: 27 mar. 2026.

SILVA, L. R. F. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 155–168, jan. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtqpggJT5hQRCy/?lang=pt>>. Acesso em: 30 out. 2025.

SOUSA, Cristina de Jesus et al. **Pintando a velhice feminina: um olhar nas histórias de vida**. 2023. Disponível em:

<<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/3378/2/CristinaSousaTese2023.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2026.

TOSTA, Cíntia Gomide. Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. **Perspectivas em psicologia**, v. 16, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27548/15102>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

VERONEZI, R. J. B.; DAMASCENO, B. P.; FERNANDES, Y. B. **Funções psicológicas superiores**: Origem social e natureza mediada. *Revista Ciência Médica*, Campinas, v. 14, n. 6, p. 537-541, nov./dez., 2005.

VIEIRA, Juliana Piovesan; FRANCO, Adriana de Fátima. **A centralidade da palavra no processo de alfabetização**: Contribuições da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Curitiba: CRV, 2025.

VIGOTSKI, L. S. **A história do desenvolvimento das funções mentais superiores**. Tradução Solange Castro Afeche. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

TIMO-IARIA, Cesar. O envelhecimento. *Acta Fisiátrica*, v. 10, n. 3, p. 114-120, 2003. Disponível em: <[https://revistas.usp.br/actafisiatrica/pt\\_BR/article/view/102456/100767](https://revistas.usp.br/actafisiatrica/pt_BR/article/view/102456/100767)>. Acesso em: 30 mar. 2026.

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Autor:

Autor:

Autor: